

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA – UNIFAE  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

**Deus lhe pague**

SÃO JOÃO DA BOA VISTA - 2005

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA – UNIFAE  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

## **Deus lhe pague**

Relatório de fundamentação do projeto experimental, modalidade fotojornalismo, apresentado como exigência final para obtenção do título de bacharel do curso de Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação do professor Francisco de Assis Carvalho Arten.

EQUIPE DE TRABALHO

ALINE ZANETTI ABRÃO  
MARIA GABRIELA FRANCO  
THAÍS ELISA BALIELO

## Dedicatórias

Dedico esse livro a Deus, que me deu forças, ânimo e vontade para completar essa caminhada onde, por várias vezes, o desânimo tomou conta de mim e por ter sido o meu alicerce em todos os momentos. A meus pais, pelo grande amor que dedicam a mim e pela paciência que tiveram nos meus maus momentos. Vocês foram e serão sempre o meu porto seguro. Em especial a todas as pessoas que aparecem em nosso livro.

*Aline Zanetti Abrão*

A Deus, a razão da minha vida, por me amar como sou e me capacitar para a minha paixão, o Jornalismo. Aos meus pais, por serem presentes e carinhosos e fazerem por mim mais do que mereço. Aos meus irmãos Gabriel e Matheus, que embora sejam os caçulas, cuidam de mim como se fosse eu a caçula da casa. Em especial, a todas as pessoas que fazem parte deste cenário chamado *Deus lhe pague*.

*Maria Gabriela Franco*

Dedico este trabalho a Deus, a minha família e amigos, porque sem eles nada disso seria realidade. Especialmente àquelas pessoas que foram nele retratadas. Dedico também a nós três que, juntas, formamos um time onde a amizade prevaleceu, nos unindo ainda mais na busca de um sonho.

*Thaís Elisa Balielo*

## Agradecimentos

Agradeço ao nosso amigo, professor e orientador, Francisco de Assis Carvalho Arten, pelo seu carinho e apoio. Ao Rodrigo Borgo pela grande ajuda na diagramação do livro. Ao professor Luís Degani pela orientação de fotografia. Não poderia deixar de agradecer às minhas companheiras e amigas Maria Gabriela e Thais Balielo pela amizade, compreensão e, principalmente, paciência comigo. Agradeço também aos meus irmãos Wesley e Alexei que mesmo de longe me deram força e me motivaram. Aos meus tios Carmem e Alfredo que me acolheram por algum tempo em sua casa e me dedicaram amor e carinho. À minha avó Maria Aparecida Vianna Abrão pelas suas orações. Meu agradecimento especial também à tia Leni, mãe de Gabriela por ter-me recebido em sua casa e pelo ânimo transmitido para terminarmos este trabalho. A todos os meus professores que nos ensinaram e nos prepararam para sermos jornalistas. E a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste projeto.

*Aline Zanetti Abrão*

Impossível agradecer a todos que merecem meu muito obrigada, mas algumas pessoas precisam ser lembradas: Francisco de Assis Carvalho Arten, nosso orientador e Luis Degani. Em especial queria agradecer às minhas amigas Aline Zanetti e Thaís Balielo que, pacientemente, estiveram comigo em todos os momentos de idéias e de crises de ansiedade pela conclusão deste trabalho; pelo companheirismo, não só na faculdade, mas nos momentos difíceis por que passei fora dela também. O meu obrigada especial a Thais, que me presenteou com sua lealdade e amizade incondicional e sei que vou ter por muito e muito tempo. Não posso esquecer-me de agradecer com muito carinho ao professor, Wiliam Lázaro R. de Oliveira, que, sem perceber, esteve ao meu lado, com toda sua experiência e conhecimento profissional, nos momentos especiais e outros tantos confusos nesta fase de faculdade, e à professora Maria de Fátima Antunes P. Catunda, que, com todo carinho, dedicação e conhecimento, passou inúmeros intervalos sem tomar café para me dar atenção. A todos vocês, obrigada por serem parte da minha história.

*Maria Gabriela Franco*

Agradeço a todos que me ajudaram de uma maneira ou de outra para a realização deste projeto. Em especial aos meus avós e pais que me ajudaram financeiramente e espiritualmente; sem eles não poderia ter, sequer começado essa jornada no curso de jornalismo. À minha tia Jussara que, de coração aberto, me acolheu em sua casa, meu muito obrigada. Agradeço também aos meus primos que me também me acolheram nesses quatro anos, aceitando a divisão do espaço deles. Agradeço à motivação dos amigos e agradeço também aos professores que nos tornaram jornalistas através de seus ensinamentos. Obrigada.

*Thaís Elisa Balielo*

*“Não se pode dizer que se tenha visto alguma coisa completamente até que ela seja fotografada. O que revela muitos pormenores que, de outra forma, passariam despercebidos e que, muitas vezes, não poderiam distinguir.”*

*Émile Zola – romancista francês (1890 – 1902)*

## SUMÁRIO

### RESUMO

INTRODUÇÃO .....	09
PARTE 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	10
1.1 A exclusão .....	10
1.1.1 <i>O alcoolismo</i> .....	15
1.2 A exclusão em números .....	16
1.2.1 <i>Mundo</i> .....	16
1.2.2 <i>Brasil</i> .....	16
1.2.3 <i>Minas Gerais</i> .....	18
1.2.4 <i>Poços de Caldas</i> .....	19
PARTE 2 – ESQUEMA DE PROCEDIMENTOS .....	22
2.1 Procedimentos metodológicos .....	22
2.2 Fontes consultadas .....	23
2.3 Dificuldades encontradas .....	23
2.4 A escolha da fotografia como fonte de informação .....	24
PARTE 3 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO .....	26
3.1 O produto .....	26
3.2 A fotografia em preto-e-branco .....	26
3.3 O uso da música .....	27
3.4 O título .....	27
3.5 Equipamento e material usado .....	27
3.6 Público Alvo .....	28
3.7 Veiculação ou divulgação .....	28
3.8 Custos .....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
REFERÊNCIAS .....	31
ANEXOS .....	33

## RESUMO

Este trabalho intitulado *Deus lhe pague* é composto de duas partes: uma é um ensaio fotográfico sobre exclusão e o outro é a fundamentação teórica sobre o problema. Buscando mostrar a questão da miséria, do alcoolismo, do desemprego, entre outros, a cidade escolhida como cenário foi Poços de Caldas, localizada no Sul de Minas Gerais. Através de pesquisas em livros e conversas com as pessoas fotografadas, foi possível ver e mostrar uma realidade escondida por bons índices de desenvolvimento social.

**Palavras-chave:** exclusão social, imagem e música.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo é a fundamentação científica do livro de fotojornalismo: “Deus lhe pague”.

O livro é composto de fotos e letras de músicas que abordam a situação socioeconômica de muitos brasileiros. A obra traduz o sentimento de quem vive e de quem assiste a tão aviltante “exclusão social”.

A exclusão social existe desde os primórdios e nunca foi tão questionada e estudada quanto nos dias de hoje. Porém, para alguns estudiosos do assunto, citados no trabalho, o termo é usado de maneira inadequada, pois as situações nas quais ele é atribuído, não se dão fora dos sistemas econômicos e de poder. Na verdade, esse movimento de pobreza e exclusão faz parte da condição subalterna do sistema econômico atual.

Como prova das conseqüências deste modelo econômico desenvolvido pelas grandes corporações que defendem o neoliberalismo, o livro “Deus lhe pague” tenta despertar os olhares despercebidos para uma realidade presente em mais de 10 milhões de lares brasileiros.

## PARTE 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 A exclusão

Ato de excluir. Quando em conjunto com a palavra social, o termo, exclusão social, deixa de ser apenas um ato. Para muitos estudiosos é considerado um processo complexo de dimensões materiais, políticas, sociais, relacionadas e subjetivas.

“A exclusão é um processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionadas e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema.” (SAWAIA, 2001a, p. 9)

De acordo com o professor e sociólogo José de Souza Martins (1997) “(...) não existe exclusão: existe contradição, existem vítimas de processos sociais, políticos e econômicos excludentes(...)”

Segundo Rogério Roque Amaro (site: triplov), a exclusão social é o “não-ser”, o “não-estar”, o “não-fazer”, o “não-criar”, o “não-saber” e/ou o “não-ter”. O autor mostra ainda que essa formulação permite estabelecer uma relação entre a exclusão social (dessa forma abrangente) e a pobreza que basicamente é a privação de recursos.

Bader Sawaia (2001b) acredita que a exclusão faz parte das estratégias para manter a ordem social.

“Mas é a concepção marxista sobre o papel fundamental da miséria e da servidão na sobrevivência do sistema capitalista, que constitui a idéia central da dialética

exclusão/inclusão, a idéia de que a sociedade inclui o trabalhador alienando-o de seu esforço vital. Nessa concepção, a exclusão perde a ingenuidade e se insere nas estratégias históricas de manutenção da ordem social, isto é, no movimento de reconstituição sem cessar de formas de desigualdade, como o processo de mercantilização das coisas e dos homens e o de concentração de riquezas, os quais se expressam nas mais diversas formas: segregação, apartheid, guerras, miséria, violência legitimada. Só essa idéia pode explicar porque um governo prioriza a saúde de bancos em detrimento à saúde da população.” (SAWAIA, 2001b p. 108)

Um fator preocupante mostrado por José de Souza Martins (1997) é o fato de a pobreza ter mudado de forma, de âmbito e de conseqüências: “Estamos longe do tempo em que pobre era quem não tinha apenas o que comer.”

“A privação hoje é mais do que privação econômica. Há nela, portanto, certa dimensão moral. A velha pobreza oferecia ao pobre a perspectiva de ascensão social, com base em pequenas economias feitas à custa de duras privações ou por meio da escolarização e do estudo dos filhos e netos, quando possível. A nova pobreza já não oferece essa alternativa a ninguém.” (MARTINS, 1997)

Martins acredita que o problema não está na exclusão, mas na inclusão marginal. Ele também afirma que este problema nasce com a sociedade capitalista.

“O capitalismo na verdade desenraiza e brutaliza a todos, exclui a todos. Na sociedade capitalista essa é uma regra estruturante: todos nós, em vários momentos de nossa vida, e de diferentes modos, dolorosos ou não, fomos desenraizados e excluídos. É próprio dessa lógica de exclusão, a inclusão. A sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir; incluir de outro modo, segundo suas próprias regras, segundo sua própria lógica. O problema está justamente nessa inclusão.” (MARTINS, 1997 p.32)

O autor explica que o problema da exclusão começou a se tornar visível nos últimos anos, pois passou a demorar muito para que aconteça a inclusão. “O período de passagem do momento da exclusão para o momento da inclusão está se transformando num modo de vida, está se tornando mais do que um período transitório” (1997. p. 33)

Esse modo de vida, segundo Martins, é a inclusão marginal. Ele afirma que os problemas estão na inclusão (ou re-inclusão).

Para Martins (1995. p. 26), o que é conhecido por exclusão é, na verdade, aquilo que constitui o conjunto das dificuldades, dos modos e dos problemas de uma inclusão precária, instável e marginal.

O autor de *O povo brasileiro*, Darcy Ribeiro, não usa o termo “inclusão marginal”, mas de certa forma diz o mesmo que Martins:

“A própria população urbana, largada a seu destino, encontra soluções para seus maiores problemas. Soluções esdrúxulas é verdade, mas são as únicas que estão a seu alcance. Aprende a edificar favelas nas moradias mais íngremes fora de todos os regulamentos urbanísticos, mas que lhe permitem viver junto aos seus locais de trabalho e conviver como comunidades humanas regulares, estruturando uma vida social intensa e orgulhosa de si. Em São Paulo, onde faltam moradias, as favelas se assentam no chão liso de áreas de propriedade contestada e organizam-se socialmente como favelas. Resistem quanto podem a tentativas governamentais de desalojá-las e exterminá-las. Quem puder oferecer 1 milhão de casas terá direito de falar em erradicação de favelas.” (RIBEIRO, 1996 p. 204)

Para Darcy Ribeiro (1996) e José de Souza Martins (1997), tudo isso está criando um mundo à parte. “Com efeito, no Brasil, as classes ricas e as pobres se separam uma das outras por distâncias sociais e culturais quase tão grandes quanto as que medeiam entre povos distintos” (RIBEIRO, 1996 p. 210)

“A nossa sociedade está se transformando numa sociedade dupla, duas humanidades na mesma sociedade. De um lado, uma humanidade constituída de integrados (ricos e pobres). (...) está crescendo brutalmente no Brasil uma outra sociedade que é uma subumanidade: uma humanidade incorporada através do trabalho precário, no trambique, no pequeno comércio, no setor de serviços mal pagos ou, até mesmo, escusos.” (MARTINS, 1997 p. 35 )

Os dois autores concordam em vários outros pontos. Um deles é a questão da estratificação social. “Está se criando de novo no mundo uma espécie de sociedade de tipo feudal: as pessoas estão separadas por estamentos, categorias sociais rígidas que não oferecem alternativas de saída”. (MARTINS, p. 36)

Darcy Ribeiro explica a divisão de classes no país e como ela é estamentada, alertando para o poder das grandes empresas estrangeiras.

“Nossa tipologia das classes sociais vê na cúpula dois corpos conflitantes, mas mutuamente complementares. O patronato de empresários, cujo poder vem da riqueza através da exploração econômica; e o patriciado, cujo mando decorre do desempenho de cargos, tal como o general, o deputado, o bispo, o líder sindical e tantos outros. Naturalmente, cada patricio enriquecido quer ser patrão e cada patrão aspira às glórias de um mandato que lhe dê, além de riqueza, o poder de determinar o destino alheio. Nas últimas décadas surgiu e se expandiu um corpo estranho nessa cúpula. É o estamento gerencial das empresas estrangeiras, que passou a constituir o setor predominante das classes dominantes. Ele emprega os tecnocratas mais competentes e controla a mídia, conformando a opinião pública. Ele elege parlamentares e governantes. Ele manda, enfim, com desfaçatez cada vez mais desabrida” (RIBEIRO, 1996 p. 208)

Segundo Ribeiro (1996), logo abaixo da cúpula ficam as classes intermediárias, onde estariam pequenos oficiais, profissionais liberais, policiais, professores, o baixo-clero e similares.

Depois viriam as classes subalternas, formadas por um bolsão da aristocracia operária com empregos estáveis, trabalhadores especializados e outro bolsão formado de pequenos proprietários, arrendatários, gerentes de grandes propriedades rurais.

Ribeiro afirma que abaixo desses bolsões fica a grande massa das classes oprimidas, principalmente negros e mulatos, moradores das favelas e periferias da cidade.

“Essa estrutura de classes engloba e organiza todo o povo, operando como um sistema autopetruante da ordem social vigente. Seu comando natural são as classes dominantes. Seus setores mais dinâmicos são as classes intermediárias. Seu núcleo mais combativo, as classes subalternas. E seu componente majoritário são as classes oprimidas, só capazes de explosões catárticas ou de expressão indireta de sua revolta. Geralmente estão resignadas com seu destino, apesar da miserabilidade em que vivem, e por sua incapacidade de organizar-se e enfrentar os donos do poder.” (RIBEIRO, 1996 p. 209)

O autor não acredita em triângulo para representar a divisão de classes, ele prefere o losango:

“As classes sociais brasileiras não podem ser representadas por um triângulo, com um nível superior, um núcleo e uma base. Elas configuram um losango, com um ápice finíssimo, de pouquíssimas pessoas, e um pescoço, que vai se alargando daqueles que se integram no sistema econômico como trabalhadores regulares e como consumidores. Tudo isso como um funil invertido, em que está a maior parte da população, marginalizada da economia e da sociedade, que não consegue empregos regulares nem ganhar o salário mínimo.” (RIBEIRO, 1995 p. 213)

Através destes dois autores, é possível traçar um paralelo entre a miséria e a questão agrária. Eles atribuem uma relação entre o êxodo rural (expulsão do homem do campo para as cidades) e os problemas sociais da atualidade.

Ribeiro informa que, em 1940, a população urbana saltou de 12,8 milhões para 80,5 milhões, em 1980. “(...) nenhuma cidade brasileira estava em condições de receber esse contingente espantoso de população. Sua conseqüência foi a miserabilização da população urbana e uma pressão enorme na competição por empregos.” (RIBEIRO, 1996 p. 198)

Este fenômeno que ocorreu em todo o país inchou as cidades e desabitou o campo. No entanto, segundo Ribeiro, sem prejuízo para a produção comercial da agricultura, que mecanizada, passou a produzir mais e melhor.

José de Souza Martins explica que a questão agrária tem início no processo de extinção da escravidão negra no século XIX. Naquela época, o regime de propriedade era o da livre ocupação das terras devolutas, porém, apenas por brancos e livres.

Quase simultaneamente, vieram duas leis, a que acabou com o tráfico negreiro e a nova Lei de Terras. Pela nova Lei, as terras não poderiam ser ocupadas por outro meio que não o da compra. “Essa restrição ao direito de propriedade criava uma superpopulação relativa artificial ou uma postíça mão-de-obra sobrando que não teria outro meio de sobrevivência a não ser o de oferecer-se como mão-de-obra ao grande proprietário”. (MARTINS, 1997 p. 50)

Durante algum tempo, a agricultura absorveu essa mão-de-obra, porém, com a modernização no campo, a necessidade de trabalhadores tornou-se bem reduzida.

Então, esse excedente passou a ser absorvido na cidade por alguns setores da indústria. O problema é que esses setores atualmente também estão se modernizando ou até mesmo desaparecendo (MARTINS, 1997 p. 50).

“No presente século, teve lugar uma urbanização caótica provocada menos pela atratividade da cidade do que pela evasão da população rural. Chegamos, assim, à loucura de ter algumas das maiores cidades do mundo, tais como São Paulo e Rio de Janeiro, com o dobro da população de Paris ou Roma, mas dez vezes menos dotadas de serviços urbanos e de oportunidades de trabalho.” (RIBEIRO, 1996 p. 199)

### *1.1.1 O alcoolismo*

Segundo Serge Paugam (2001), a falta de oportunidades de trabalho causa um distanciamento na relação com os membros da família. “A conseqüência disso tudo é que o risco de enfraquecimento dos vínculos sociais é proporcional às dificuldades encontradas no mercado de trabalho.”

Este problema tende a aumentar gradativamente causando o enfraquecimento e a posterior ruptura dos vínculos sociais.

“Os que passaram pelo processo de ruptura acumulam problemas de todo tipo – o afastamento do mercado de trabalho, problemas de saúde, falta de moradia, perda de contatos com a família, etc. Esta última fase do processo de desqualificação social caracteriza-se por um acúmulo de fracassos que conduz a um alto grau de marginalização. Sem esperanças de encontrar uma saída, os indivíduos sentem-se inúteis para a coletividade e procuram o álcool como meio de compensação para a sua infelicidade. Os assistentes sociais encarregados da sua inserção constataram que o álcool e a droga constituem o maior problema para essa população.” (PAUGAM, 2001 p. 76 – 77)

Darcy Ribeiro (1996) também fala da questão do álcool em sua obra: “A anomia<sup>1</sup> freqüentemente se instala, prostrando multidões no desânimo e no alcoolismo.” (1996 p. 206)

Para ele, o problema se agravou ultimamente pelo fato de as instituições tradicionais estarem perdendo os seus poderes de controle e de doutrinação, fazendo-se ausentar leis de normas e de regras de organização.

“A escola não ensina, a igreja não catequiza, os partidos não politizam. O que opera é um monstruoso sistema de comunicação de massa fazendo a cabeça das pessoas.

---

<sup>1</sup> **Anomia:** S. m. Ausência de leis de normas ou de regras de organização. (Novo Dicionário Aurélio)

Impondo-lhes padrões de consumo inatingíveis, desejabilidades inalcançáveis, aprofundando mais a marginalidade dessas populações e seu pendore à violência.” (RIBEIRO, 1996 p. 207)

## 1.2 A exclusão em números

### 1.2.1 Mundo

A exclusão social não é um privilégio brasileiro, nem de países subdesenvolvidos.

Como parte integrante e funcional do sistema, ela se faz presente em todo o mundo.

De acordo com a revista *Época* de 15 de novembro de 2004:

“Em todo o planeta, aproximadamente um bilhão de pessoas vivem hoje em barracos sem água potável e saneamento nos subúrbios das grandes cidades - desse total, cerca de 200 milhões tornaram-se favelados há menos de dez anos. Em 2030, serão dois bilhões de pessoas vivendo em bolsões de pobreza” (PADILLA, 2004, site: época).

### 1.2.2 Brasil

No Brasil, os números também são assustadores. Como mostram os dados do Ministério das Cidades publicados na revista *Época* de 15 de novembro de 2004: “(...) cerca de 15 milhões de brasileiros não têm moradia e 83 milhões não contam com água potável em casa”. Segundo os últimos dados do IBGE, são mais de 6,5 milhões de brasileiros vivendo em favelas.

O mesmo Ministério das Cidades que aponta os problemas em números apresenta também a solução em cifras e, de acordo com tais cifras, seria necessário um investimento de 6,6 bilhões de dólares por ano até 2020 para que todos tivessem condições dignas de habitação (PADILLA, 2004, site: época).

Para mostrar melhor a situação do Brasil quanto à desigualdade através de números, usamos o *Atlas da exclusão social no Brasil*.

Os autores buscaram responder, através de pesquisa, a uma pergunta chave: “qual o grau de desigualdade social entre diferentes regiões brasileiras?” (AMORIM; POCHMANN, 2003 p. 22).

O estudo revela poucos avanços nos esforços para reduzir as diferenças que separam o norte e o sul do país.

Para os autores, as regiões Centro e Sul tendem a abrigar, de maneira mais ampla, formas mais sofisticadas de exclusão social:

“(…) não se quer dizer que a exclusão social no seu estado mais brutal – fome, famílias numerosas em situação de grave pobreza e o analfabetismo – não esteja presente também no Centro-Sul. Mas nas regiões em torno e abaixo do Trópico de Capricórnio, destaca-se a intensidade de uma ‘nova’ exclusão, herdada do modelo econômico de corte neoliberal que gerou, a partir de 1990, milhões de desempregados escolarizados e famílias monoparentais que vivem na pobreza por ausência de renda. Esse novo processo de exclusão exige novos instrumentos de intervenção, pouco conhecidos e experimentados até o momento” (AMORIM; POCHMANN, 2003 p. 22).

A obra traça um perfil da exclusão social no Brasil a partir de sete indicadores que compõem o Índice de Exclusão Social (IES): pobreza, violência, escolaridade, alfabetização, desigualdade social, emprego formal e concentração de jovens. O IES foi formado ainda considerando-se o índice de homicídio por 100 mil habitantes.

Os dados mostram que 42% das 5.507 cidades brasileiras estão associadas à exclusão social, a maioria localizada no Norte e Nordeste do país. Nessas localidades vivem 21% da população. Por outro lado, apenas cidadãos de 200 municípios (3,6% do total), representando 26% dos brasileiros, residem em áreas que apresentam padrão de vida adequado.

O Nordeste é recordista: 72% dos seus 2.290 municípios apresentam problemas de exclusão. Já a região Norte representa 13,9% desses municípios (318), seguida pelas regiões

Sudeste, com 10,4% (239), Centro-Oeste, com 2% (45 cidades), e finalmente a região Sul, com 1,6% (36) das localidades em situação de exclusão.

Entre os 5.507 municípios brasileiros, o estudo revelou que os piores indicadores são os de Jordão, no Acre, Gajará, no Amazonas, e Belágua, no Maranhão. Os de menor exclusão social são os municípios de São Caetano do Sul e Águas de São Pedro, em São Paulo, e Florianópolis, em Santa Catarina.

As cinco regiões metropolitanas que concentram os maiores índices de violência são as de São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Distrito Federal e Recife.

O estudo ainda não é exato, a exacerbada desigualdade dentro dos próprios municípios acaba obscurecendo a exclusão nas capitais.

“Um outro inconveniente é que, tomando o município como unidade básica de análise, ficam invisíveis desigualdades e problemas existentes dentro dele. Assim, municípios como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, entre outros, muito populosos, com imensos contrastes internos, mas com elevada renda média, podem aparecer com cores indicando boa situação social. Porém, uma análise por bairros revelaria graus de exclusão tão elevados quanto os encontrados em nível nacional, uma vez que não se trata de municípios que possuem unidade homogênea.” (AMORIM; POCHMANN, 2003 p. 19-20)

Mesmo assim, o trabalho pode ser considerado uma “fotografia” mais detalhada do que o cenário traçado pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que considera apenas alfabetização, renda e longevidade da população. Isso também qualifica o estudo a ser um instrumento melhor para o monitoramento e a implantação de políticas para o combate da exclusão.

### 1.2.3 Minas Gerais

Segundo os autores do *Atlas da exclusão social no Brasil*, os estados das regiões Sudeste e Sul do país são os que apresentam as menores áreas de exclusão social. No Sudeste, Minas Gerais é o que apresenta a maior proporção de municípios em situação de exclusão –

pouco mais de um quarto do total de municípios – localizados, sobretudo, ao norte do estado.

As áreas de inclusão social situam-se mais ao sul e oeste, próximas à divisa com São Paulo.

“A região Sudeste abriga 43% de toda a população brasileira e cerca de 30% do total de municípios e, ao mesmo tempo, 10,4% dos municípios em situação de vulnerabilidade do país, a maioria situada ao norte do estado de Minas Gerais. Na região Sudeste, os municípios que apresentam as piores condições de inclusão são: São João das Missões, Verdelândia, Setubinha, Bonito de Minas e Fruta de Leite, todos situados em Minas Gerais” (AMORIM; POCHMANN, 2003 p. 37-38).

#### *1.2.4 Poços de Caldas*

Para mostrar a exclusão, resolvemos traçar um caminho inverso. Não fomos buscar os excluídos em cidades óbvias, como na região Nordeste do país. Fomos encontrar essas pessoas em uma cidade com bons índices de desenvolvimento social (IBGE-2000), ou seja, Poços de Caldas, ao sul do Estado de Minas Gerais. O objetivo dessa escolha é mostrar que mesmo nas cidades desenvolvidas socialmente, a miséria e a exclusão social existem.

Poços de Caldas é uma cidade turística e, como tal, tenta mostrar tudo o que possui de mais belo para atrair turistas. Para cidades como Poços, os excluídos são tidos como poluição visual. Nosso trabalho é justamente mostrar essa realidade escondida.

Quando falamos em índices de exclusão social, Poços de Caldas é a segunda melhor cidade do Estado de Minas, perdendo apenas para Belo Horizonte. Já no cenário nacional sua colocação cai para o 69º lugar. (AMORIM; POCHMANN, 2003)

A secretária da Assistência Social de Poços de Caldas, Maria Eliane Catunda de Siqueira, mostrou um pouco mais da realidade da cidade.

“O nível de renda aqui em Poços em termos de estado de Minas é diferenciado, mas sempre vai haver exclusão social. Exclusão pela doença mental, pelo alcoolismo,

pelo uso de drogas, deficiência física, esses tipos de exclusão sempre existem”  
(informação verbal<sup>2</sup>)

A secretária afirma que a cidade possui uma infra-estrutura de assistência muito boa, tanto por parte das entidades, como por parte da prefeitura para atender aos casos mais graves. Segundo Catunda, quando se vêem pessoas pedindo nas ruas é por decorrência do alcoolismo. “A maioria são homens mais velhos, já com mais de 20 anos de alcoolismo e pedem para manter o vício”.

Ela explicou que isso ocorre porque nestes casos já não existe mais condições financeiras, eles já perderam os vínculos familiares, perderam emprego, e assim, o problema se agrava. “Nós encaminhamos essas pessoas para tratamento, temos uma série de convênios para esse tipo de tratamento”.

A secretária afirma que em Poços não prevalece a exclusão econômica. “Aqui o que existe são famílias pobres, mas não existe essa miserabilidade como há no nordeste, por exemplo”.

Para as pessoas com problemas de alcoolismo que se encontram nas ruas, a prefeitura possui um programa chamado *Atendimento Cidadão*. O programa consiste no atendimento feito por um grupo de pessoas capacitadas, trabalhando praticamente 14 horas por dia, numa perua Kombi, que funciona em conjunto com a Guarda Municipal. “Eles são tirados e encaminhados para os lugares especializados e quando são de outras localidades são encaminhados para albergues. Aqueles que aceitam são encaminhados para tratamento”

Maria Eliane contou que em Poços houve uma colonização estrangeira e acredita ser esse um dos motivos de não se ter muita exclusão. “É também uma cidade de população mais velha, tem uma ótima localização, o próprio traçado físico da cidade é muito mais moderno se

---

<sup>2</sup> Informação fornecida pela secretária da Assistência Social de Poços de Caldas, Maria Eliane Catunda de Siqueira, em entrevista concedida ao grupo, em agosto de 2005.

comparado às cidades da região, além da riqueza mineral que atraiu uma série de indústrias fortes”.

O índice de analfabetismo da cidade é baixo, a secretária informou que existem alguns repiques de analfabetismo, mas é de população que muda para a cidade. Segundo ela, na população natural da cidade o índice é muito baixo. Os dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, segundo o censo de 2000, indicam que 94,32 % da população de Poços é alfabetizada. Em seguida apontam também que o nível de frequência escolar é de 77,25 %, e a renda per capita é de 453,56 reais.

Catunda disse ainda que Poços de Caldas é uma cidade onde existe uma população flutuante. Contou que muitas pessoas que não são da cidade ficam nas ruas mendigando. Há também aquelas que vão para a cidade durante a época da colheita do café e acabam permanecendo. “É uma população de baixo nível de educação, saúde e, além disso, desqualificada profissionalmente, esse é um dos poucos problemas sociais que a cidade enfrenta.”

## PARTE 2 – ESQUEMA DE PROCEDIMENTOS

### 2.1 Procedimentos metodológicos

Assim que o tema e a categoria do projeto foram definidos iniciamos as pesquisas. A primeira etapa foi uma busca por títulos e autores relacionados à exclusão social e à fotografia. Paralelamente à leitura das obras, obtivemos orientações sobre as técnicas fotográficas com o Professor Luís Degani.

De posse de um conhecimento teórico, fomos buscar dados específicos do IBGE relacionados à cidade de Poços de Caldas, e confirmamos o que já sabíamos: “a cidade possui bons índices sociais”. Depois de conseguir esses números fomos procurar a Secretaria Municipal de Assistência Social. Entrevistamos a secretária para saber a realidade dos problemas sociais da cidade, mesmo que os dados indicassem serem quase inexistentes.

Após o término da pesquisa, iniciamos a realização do projeto: *o livro de fotojornalismo*. A partir daí conhecemos de perto a realidade da exclusão social, ou da inclusão marginal, como diria Martins.

Passamos a fazer visitas nos bairros mais pobres da cidade, sempre com a objetiva pronta para captar o momento espontaneamente. Além de fotografar o que víamos, conversamos muito com os moradores. As pessoas contavam suas histórias de vida, as dificuldades por que já passaram e o que fazem para sobreviver, entre muitas outras coisas.

Após as revelações dos negativos, foram selecionadas as fotos mais significativas. Iniciamos então mais uma nova etapa: a montagem e diagramação do livro. Nesta fase, foi preciso fazer a seleção das músicas e trechos que falassem tudo o que foi pesquisado e

fotografado, pois acreditamos que a alma do artista capta, com primazia, o que nós, simples mortais, jamais conseguiríamos sentir sem a ajuda dos olhos e das palavras desses artesãos de textos.

Terminada a seleção e diagramação veio a fase final, com a impressão e o acabamento.

## **2.2 Fontes consultadas**

As fontes consultadas foram: livros, revistas, sites da internet, dados estatísticos, cursos de fotografia, pesquisas e entrevistas com várias pessoas.

Dentre os autores, as principais fontes da nossa fundamentação teórica foram José de Souza Martins e Darcy Ribeiro.

E para complementação dos dados do IBGE, procuramos a secretaria de assistência social da cidade. Moradores dos bairros, São José, Linha do trem, São Jorge, Santa Helena e Vila Cruz foram nossas principais fontes de informação tornando-se o foco.

Para um embasamento técnico em fotografia, além do que já possuíamos, buscamos reforço em manuais de fotografia e de fotojornalismo e, obviamente, na orientação do professor Luís Degani.

## **2.3 Dificuldades encontradas**

Encontramos algumas dificuldades no decorrer do trabalho, porém foram vencidas de imediato.

A principal dificuldade é o fato de que a cidade escolhida para mostrar a exclusão social tem baixos índices neste aspecto. Mas essa dificuldade foi transformada em algo a nosso favor, verificamos que as pesquisas feitas provam que a pobreza existe como estratégia de

manutenção do sistema, enquanto beneficiar alguns, mesmo em cidades com um bom desenvolvimento social.

As dificuldades financeiras foram grandes devido aos gastos com filmes, revelações e impressão do livro.

Porém, acreditamos que a maior dificuldade foi a emocional, pois todas as outras foram facilmente superadas. Ver as condições de vida de algumas famílias é que foi uma experiência triste a qual pudemos observar por muitas vezes e nunca as esqueceremos.

## **2.4 A escolha da fotografia como fonte de informação**

A miséria e a exclusão social poderiam ser retratadas em livro-reportagem com dados numéricos e explicações teóricas sobre o problema, porém, resolvemos mostrar com imagens o que muitas vezes pode estar escondido, imperceptível.

“A imagem do real retida pela fotografia fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido fragmentado, congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um ser fotografado num instante dos tempos”. (KOSSOY, 1989 p. 22)

O professor Jorge Pedro Souza define muito bem o fotojornalismo no primeiro parágrafo de sua obra.

“O fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as conseqüências que ela traz ao Planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõem, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual.” (SOUSA, 2004 p. 9)

Para Manoel Correia (site: ipv), o fotojornalista é visto como alguém que se furta ao convencional; ao social e politicamente corretos. “Somos uma espécie de intrusos, com a

particularidade de nos movimentarmos com relativa descontração. (...) Somos queridos e desejados; detestados e odiados; às vezes, simplesmente tolerados; outras vezes, somos a esperança dos que já a perderam há muito.”

“Na essência, somos jornalistas de corpo inteiro, talhados para a notícia, para a reportagem, para a entrevista. Não somos fotógrafos no sentido mais pragmático e clássico do termo, cujo fim é a fotografia em si mesma.

A razão de ser da "fotografia de imprensa" é o jornalismo. Estamos aqui a debater o fotojornalismo e não a fotografia em outra dimensão qualquer.

O fotojornalista é um operador da fragmentaridade. É ele que escolhe "isto" e não "aquilo" no momento de registrar na película (no suporte digital, mais ainda) aquela fração de segundo de algo que aconteceu e merece ser notado — daí, ser notícia. Esta é a razão perceptiva que o legitima como jornalista.” (CORREIA, site: ipv)

Fotografia significa “escrever (grafia) com a luz (foto)”. O nosso trabalho foi utilizar o equipamento fotográfico que nos permitiu a “escrita com a luz”.

Apesar de fotografar ser “escrever com a luz”, a escrita propriamente dita é imprescindível, por ser o complemento da foto. Segundo Jorge Pedro Souza (2004), “não existe fotojornalismo sem texto”. Como exemplo ele coloca:

“Imaginemos a fotografia de um instante qualquer, por exemplo, de um instante de guerra. Essa fotografia pode ser extraordinariamente expressiva e tecnicamente irrepreensível. Mas se não possuir um texto que a ancore, a imagem pode valer, por exemplo, como símbolo de qualquer guerra, mas não vale como indício da guerra em particular que representa. No fotojornalismo, o texto tem várias funções. Entre as principais, poderíamos salientar as seguintes:

- chamar a atenção para a fotografia ou para alguns dos seus elementos (o texto pode, em certas circunstâncias, ser redundante em relação à imagem);
- complementar informativamente a fotografia, inclusivamente devido à incapacidade que a imagem possui de mostrar conceitos abstratos;
- ancorar o significado da fotografia (denotar a foto), direcionando o leitor para aquilo que a fotografia representa;
- conotar a fotografia, abrindo o leque de significações possíveis; orientar o leitor para significados que se pretendem atribuir à fotografia;
- analisar, interpretar e / ou comentar a fotografia e / ou seu conteúdo.” (SOUSA, 2004 p. 65 - 66)

Como Souza, acreditamos que não existe fotojornalismo sem texto, por isso o texto acompanha nossas imagens. Neste trabalho, além do texto inicial e final, o que faz o complemento das imagens, são letras de músicas.

## PARTE 3 – DESCRIÇÃO DO PRODUTO

### **3.1 O produto**

Nosso produto é um livro de fotojornalismo com imagens em preto-e-branco. Nele, usamos uma linguagem subjetiva tentando unir música e fotos de uma maneira que se complementassem.

Foram tiradas 252 fotos e selecionadas para o trabalho final apenas 40 fotos. O livro traz 10 letras de músicas, algumas com apenas trechos e outras inteiras, também há um poema composto exclusivamente para o trabalho. As letras completas e o poema também estão no anexo deste Relatório grifadas nos trechos utilizados para o livro.

### **3.2 A fotografia em preto-e-branco**

Por acreditarmos que as cores são mais apropriadas para tratar de alegria, escolhemos a fotografia em preto-e-branco para retratar o cotidiano “cinza” daqueles que vivem na exclusão ou, para outros, inclusão marginal. Falar é fácil. Político fala, promete, mas não cumpre. Escrever mais algumas centenas de páginas sobre exclusão e excluídos para encher mais alguma biblioteca de escola ou faculdade não seria nossa intenção. Pensamos que mostrar aquilo que muitos vêem, mas não enxergam, teria um resultado mais abrangente e significativo.

### 3.3 O uso da música

Música é cura e é ensino. É instrumento de perfeita adoração a Deus. Instrumento para alcançar almas e vidas, para fazer calar um sentimento ou para se fazer ouvir aquilo que não pode ser dito.

Nenhum ser humano é imune à melodia de uma música, sendo ela como for, provoca reações e sentimentos, mesmo que as informações não sejam absorvidas por completo.

Neste trabalho ela surge como complemento a uma outra arte, a fotografia. Ao lado das imagens, as letras deram significado maior e passaram a ter profundidade no seu significado.

O conjunto de música e foto tornou-se um clipe silencioso e a tradução poética dos olhares que não gostaríamos de ter.

### 3.4 O título

O título do trabalho foi inspirado na ironia e sarcasmo com que o autor e músico, Chico Buarque de Holanda, manifesta sua indignação na canção *Deus lhe pague*.

De forma inteligente e subjetiva, Chico Buarque agradece ironicamente, como um pedinte quando recebe esmola, aos governantes do país, o pouco que permitem seu povo ter. Concedendo até mesmo o sorriso, como se para este fosse preciso ‘concessão’.

### 3.5 Equipamento e material usado

Para a realização do trabalho, usamos uma máquina **Canon** EOS 3000 e uma **Nikon** F-801 S profissional. Em alguns casos utilizamos máquinas digitais como a **Olympus** D390 2 mega-pixels e a **Sony** Cyber-shot 7.2 mega-pixels, porém as fotos digitais não foram selecionadas para o produto final.

Para as máquinas analógicas utilizamos na maioria das vezes filmes coloridos e transformamos as fotos em preto-e-branco posteriormente scaneando as fotos e trabalhando no programa Photoshop.

### **3.6 Público Alvo**

Não pensamos em um público alvo específico quando resolvemos fazer esse trabalho. Porém o público é delimitado de certa maneira pelo interesse no assunto e poder aquisitivo, já que um livro de foto tem um alto custo.

Mesmo assim podemos especificar alguns tipos de público alvo:

- Estudantes, entendendo por estudantes não só os que estão em um curso universitário, de graduação ou pós, mas aqueles que têm o espírito de pesquisadores e a permanente curiosidade em se aperfeiçoar;
- Apreciadores de fotografia, especialmente estudantes de comunicação social e pessoas ligadas à área de fotojornalismo;
- Pessoas que tenham alguma formação intelectual para entender a linguagem subjetiva;
- O mesmo público de revista, cuja característica econômica é de situação financeira estável;
- Pessoas preocupadas com os problemas sociais do país e do mundo; e
- População de Poços de Caldas pelo fato de as fotos serem feitas na cidade.

### **3.7 Veiculação ou divulgação**

As fotos serão divulgadas através do livro que ficará na biblioteca da Instituição e de exposições de fotos que pretendemos realizar.

### 3.8 Custos

*Filmes:* 8 de 10 reais cada um = 80 reais

*Revelações:* 140 reais

*Passagens para Poços:* 100 reais

*Gasolina:* 100 reais

*Impressão de 4 livros:* 320 reais

*Total de gastos:* 740 reais

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após sete meses de estudos e pesquisas de campo, duas coisas nos restaram: uma frase de Celso Furtado “Estamos longe do verdadeiro desenvolvimento, que só ocorre quando se beneficia toda a sociedade”, e uma pergunta “Por quê?”

Até mesmo em uma cidade turística, com alto índice de desenvolvimento, considerada com padrões de países de primeiro mundo, a pobreza, a falta de estudo, o preconceito e o desemprego, mesmo que escondidos, existem.

Infelizmente, seja onde for, é uma realidade constante e necessária para alguns, pois a manutenção do sistema econômico atual precisa da desigualdade para fortalecer os poucos 10% dos ricos do mundo que controlam 75% da riqueza mundial.

Por quê?

Não é preciso que seja assim. Não é para ser assim. Mas somos formigas. E, neste caso, o pouco não faz o muito. Muito pelo contrário. O pouco passou a ser insignificante diante dos números que só crescem.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Ricardo; POCHMANN, Marcio (orgs). **Atlas da exclusão social no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- AUMONT, Jaques. **A imagem**. Traduzido por Estela dos Santos Abreu e Cláudio César Santoro. 6. ed. Campinas: Papirus, 2001.
- FREEMAN, Michael. **Novo manual de fotografia**. Traduzido por Mario B. Nogueira. Lisboa: Presença, 1993.
- MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.
- PAUGAM, Serge. **O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais**: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 193-219
- SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- SAWAIA, Bader. **Introdução: exclusão ou inclusão perversa?** In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001a.
- SAWAIA, Bader. **O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão**. In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001b.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- WANDERLEY, Mariângela Belfiore. **Refletindo sobre a noção de exclusão**. In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 20-26

**Internet:**

AMARO, Rogério Roque. **A exclusão social hoje.** Disponível em: [http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad\\_09/amaro.html](http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/amaro.html). Acesso em 29 de abril de 2005.

CORREIA, Manuel. **Fotojornalismo - um olhar do repórter.** Disponível em: <http://www.ipv.pt/forumedia/5/14.htm>. Acesso em 29 de abril de 2005.

PADILLA, Ivan. **Favela globalizada.** Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT860584-1664,00.html>. Acesso em 18 de maio de 2005.

IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 10 de setembro de 2005.

## ANEXOS

### Constituição Federal

#### **Título I - Dos Princípios Fundamentais**

**Art. 1º** A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos:

- I - a soberania;
- II - a cidadania;
- III - a dignidade da pessoa humana;
- IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

...

**Art. 3º** Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

#### **Título II - Dos Direitos e Garantias Fundamentais**

##### **Capítulo I - Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos**

**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

##### **Capítulo II - Dos Direitos Sociais**

**Art. 6º** São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

**Art. 7º** São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social:

...

XXV - assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até seis anos de idade em creches e pré-escolas;

...

##### **Capítulo IV - Dos Direitos Políticos**

**Art. 14.** A soberania popular será exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da lei, mediante:

- I - plebiscito;
- II - referendo;
- III - iniciativa popular.

§ 1º O alistamento eleitoral e o voto são:

- I - obrigatórios para os maiores de dezoito anos;
- II - facultativos para:

- a) os analfabetos;
- b) os maiores de setenta anos;
- c) os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos.

...

## **Título VIII - Da Ordem Social**

### **Capítulo I - Disposição Geral**

38

**Art. 193.** A ordem social tem como base o primado do trabalho, e como objetivo o bem-estar e a justiça sociais.

...

### **Seção II - Da Saúde**

**Art. 196.** A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

...

### **Seção IV - Da Assistência Social**

**Art. 203.** A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

- I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;
- II - o amparo às crianças e adolescentes carentes;
- III - a promoção da integração ao mercado de trabalho;
- IV - a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária;
- V - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei.

...

## **Capítulo III - Da Educação, da Cultura e do Desporto**

### **Seção I - Da Educação**

**Art. 205.** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

...

## **Capítulo VI - Do Meio Ambiente**

**Art. 225.** Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

...

## **Capítulo VII - Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso**

**Art. 226.** A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

...

Letras completas:

## **Chico Buarque - Deus Lhe Pague**

*by Chico Buarque*

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir  
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir  
Por me deixar respirar, por me deixar existir  
Deus lhe pague

Pelo prazer de chorar e pelo “estamos aí”  
 Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir  
 Um crime pra comentar e um samba pra distrair  
 Deus lhe pague

Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui  
 O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir  
 Pelo domingo que é lindo, novela, missa e gibi  
 Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir  
 Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir  
 Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair  
 Deus lhe pague

Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir  
 Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir  
 E pelo grito demente que nos ajuda a fugir  
 Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir  
 E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir  
 E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir  
 Deus lhe pague

## **O Rappa - Sujo**

Se um raio cai no mesmo lugar  
 duas vezes  
 Qualquer um de nós é capaz de  
 parar, e pensar, e dizer, e falar  
 Por que eu? Por que eu?  
 Por que eu? Por que eu?  
 Mas a cidade é muito grande  
 A cidade é gigante  
 A cidade é covarde  
 com os que mais precisam dela  
 Os raios então são mais de dois  
 São muitos e sucessivos  
 E é por isso que ele está aí  
 Sujo, frio e bêbado  
 Sujo, mas não tão sujo quanto a sociedade  
 Frio, mas não tão frio quanto a impiedade  
 Bêbado, mas não tão ébrio quanto a passividade  
 Sujo, frio e bêbado

## Gabriel O Pensador - O Resto Do Mundo

by Gabriel O Pensador

Eu queria morar numa favela  
 Eu queria morar numa favela  
 Eu queria morar numa favela  
 O meu sonho é morar numa favela  
 Eu me chamo de cherôso como alguém me chamou  
 Mas pode me chamar do que quiser seu dotô  
Eu num tenho nome  
Eu num tenho identidade  
Eu num tenho nem certeza se eu sou gente de verdade  
Eu num tenho nada  
Mas gostaria de ter  
 Aproveita seu dotô e dá um trocado pra eu comer...  
Eu gostaria de ter um pingo de orgulho  
Mas isso é impossível pra quem come o entulho  
Misturado com os ratos e com as baratas  
E com o papel higiênico usado  
Nas latas de lixo  
Eu vivo como um bicho ou pior que isso

Eu sou o resto  
O resto do mundo  
Eu sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo  
Eu sou... Eu num sou ninguém

Eu tô com fome  
Tenho que me alimentar  
Eu posso num ter nome mas o estômago tá lá  
Por isso eu tenho que ser cara-de-pau  
Ou eu peço dinheiro ou fico aqui passando mal  
Tenho que me rebaixar a esse ponto porque a necessidade é maior  
do que a moral  
Eu sou sujo eu sou feio eu sou anti-social  
Eu num posso aparecer na foto do cartão postal  
Porque pro rico e pro turista eu sou poluição  
Sei que sou um brasileiro  
Mas eu não sou cidadão  
Eu não tenho dignidade ou um teto pra morar  
 E o meu banheiro é a rua  
 E sem papel pra me limpar  
 Honra?  
 Não tenho  
 Eu já nasci sem ela  
 E o meu sonho é morar numa favela  
 Eu queria morar numa favela  
 Eu queria morar numa favela  
 Eu queria morar numa favela  
 O meu sonho é morar numa favela  
 A minha vida é um pesadelo e eu não consigo acordar  
 E eu não tenho perspectivas de sair do lugar  
 A minha sina é suportar viver abaixo do chão  
 E ser um resto solitário esquecido na multidão

Eu sou o resto  
 O resto do mundo  
 Eu sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo  
 Eu sou o resto do mundo  
 Eu num sou ninguém

Eu num sou nada  
 Eu num sou gente  
 Eu sou o resto do mundo  
 u sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo  
 Eu sou o resto  
 Eu num sou ninguém

### Frustração

#### É o resumo do meu ser

Eu sou filho da miséria e o meu castigo é viver

Eu vejo gente nascendo com a vida ganha e eu não tenho uma chance

Deus! Me diga por quê?

Eu sei que a maioria do Brasil é pobre

Mas eu num chego a ser pobre eu sou podre!

Um fracassado

Mas não fui eu que fracassei

Porque eu num pude tentar

Então que culpa eu terei

Quando eu me revoltar quebrar queimar matar

Não tenho nada a perder

Meu dia vai chegar

Será que vai chagar?

Mas por enquanto

Eu sou o resto  
 O resto do mundo  
 Eu sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo  
 Eu sou o resto do mundo  
 Eu num sou ninguém  
 Eu num sou nada  
 Eu num sou gente  
 Eu sou o resto do mundo  
 u sou mendigo um indigente um indigesto um vagabundo  
 Eu sou o resto  
 Eu num sou ninguém

Eu num sou registrado  
 Eu num sou batizado  
 Eu num sou civilizado  
 Eu num sou filho do Senhor  
 Eu num sou computado  
 Eu num sou consultado  
 Eu num sou vacinado  
 Contribuinte eu num sou  
 Eu num sou comemorado  
 Eu num sou considerado  
 Eu num sou empregado  
 Eu num sou consumidor  
 Eu num sou amado  
 Eu num sou respeitado  
 Eu num sou perdoado  
 E também sou pecador  
 Eu num sou representado por ninguém  
 Eu num sou apresentado pra ninguém  
 Eu num sou convidado de ninguém  
 E eu num posso ser visitado por ninguém  
 Além da minha triste sobrevivência eu tento entender a razão da  
 minha existência  
 Por quê que eu nasci?

Por quê tô aqui?  
 Um penetra no inferno sem lugar pra fugir  
 Vivo na solidão mas não tenho privacidade  
 E não conheço a sensação de ter um lar de verdade  
 Eu sei que eu não tenho ninguém pra dividir o barraco comigo  
 Mas eu queria morar numa favela amigo  
 Eu queria morar numa favela  
 Eu queria morar numa favela  
 Eu queria morar numa favela  
 O meu sonho é morar numa favela.

## Fundo de Quintal - Meu Nome é Trabalho

Meu nome é trabalho mas eu tô pegado  
A fim de um cascalho vou pra todo lado  
Tenho cinco pirralhos chorando um bocado  
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado  
Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

Já fui pedreiro, carpinteiro  
Motorneiro e até motorista  
Já fui copeiro, fui caseiro  
Jornaleiro e até jornalista

Meti os peitos, fiz tudo direito  
Sou advogado  
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado  
Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

Mecanó, Datiló Estenógrafo eu sou  
Maquinista, copista  
Analista de computador

Fui profeta, atleta Poeta e até professor formado  
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado  
Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

Toco viola e sei jogar bola também  
Levei sacola, vendi mariola no trem  
Carreguei (vadiola), brequei minha sola

Não tenho um vintém furado  
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado  
Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

Meu nome é trabalho mas eu tô pegado  
A fim de um cascalho vou pra todo lado  
Tenho cinco pirralhos chorando um bocado  
Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado  
Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

Já fui burocrata, fui tecnocrata  
 Vendi ouro e prata a doidado  
 Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado  
 Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

Vou pro psicólogo e fonoaudiólogo

Eu fui.....elogiado  
 Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado  
 Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

Eu não sou de roubar, eu não sou marajá  
 E nem sou de chegar atrasado  
 Vê se quebra o galho doutor, tô desempregado  
 Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

Eu não quero ser doutor, nem ser embaixador  
 E nem governador do Estado  
 Meu nome é trabalho doutor, tô desempregado  
 Me arranja um trabalho doutor, tô desempregado

## Mudanças

*Pedrinho / K2*

Vamos refletir, pra revolucionar.  
 Mostrar que o amanhã não é distante pra ver tudo mudar  
 Não falo isso da boca pra fora  
 Não falo isso por intuição  
 Mas eu preciso te passar essa mensagem  
 Porque uma voz está gritando no meu coração  
Abolindo todo o preconceito  
Nos libertaremos dessa escravidão  
E, nem que leve mais de um milênio,  
Vou mostrar que preto e branco também são irmãos  
 Vamos refletir, pra revolucionar.  
 Mostrar que o amanhã não é distante pra ver tudo mudar  
 Não falo isso da boca pra fora  
 Não falo isso por intuição  
 Que tal você dar uma volta no seu bairro  
 E se for rico é só ligar sua televisão  
 Vai se ligar na tal da violência  
 Que por enquanto é dada sem solução  
 Vai ver que tudo é pura demência  
 O governo é para elite e não para o povão  
 Vamos refletir, pra revolucionar.  
 Mostrar que o amanhã não é distante pra ver tudo mudar  
 Não falo isso da boca pra fora  
 Não falo isso por intuição  
 Nada nesse país mudou até agora  
 Eu acho que só vai mudar com a Revolução  
 Essa vontade de mudar o mundo  
 Vai ter que começar pelo meu coração  
 Se cada um tivesse essa consciência  
 O Brasil seria para todo cidadão

## O Rappa - O Que Sobrou Do Céu

*(letra: Marcelo Yuka, música: O Rappa)*

O, la lá, o la lá, ê ah  
 O, la lá, o la lá, ê ê  
 O, la lá, o la lá, ê ê ah  
 O, la lá, o la lá, ê ê

Faltou luz mas era dia, o sol invadiu a sala  
Fez da TV um espelho refletindo o que a gente esquecia

Faltou luz mas era dia... di-ia  
Faltou luz mas era dia, dia, dia  
O som das crianças brincando nas ruas  
Como se fosse um quintal  
 A cerveja gelada na esquina  
 Como se espantasse o mal  
 O chá pra curar esta azia  
 Um bom chá pra curar esta azia  
 Todas as ciências de baixa tecnologia  
 Todas as cores escondidas nas nuvens da rotina  
 Pra gente ver... por entre prédios enormes...  
 Pra gente ver... o que sobrou do céu... o lá lá

## Chico Buarque - O velho

(De: Chico Buarque)

O velho sem conselhos  
 De joelhos  
 De partida  
 Carrega com certeza  
 Todo o peso  
 Da sua vida  
 Então eu lhe pergunto pelo amor  
 A vida inteira, diz que se guardou  
 Do carnaval, da brincadeira  
 Que ele não brincou  
 Me diga agora  
 O que é que eu digo ao povo  
 O que é que tem de novo  
 Pra deixar  
 Nada  
 Só a caminhada  
 Longa, pra nenhum lugar

O velho de partida  
 Deixa a vida  
 Sem saudades  
 Sem dívida, sem saldo  
 Sem rival  
 Ou amizade  
 Então eu lhe pergunto pelo amor  
 Ele me diz que sempre se escondeu  
 Não se comprometeu  
 Nem nunca se entregou  
 E diga agora  
 O que é que eu digo ao povo  
 O que é que tem de novo  
 Pra deixar  
 Nada  
 E eu vejo a triste estrada  
 Onde um dia eu vou parar

O velho vai-se agora  
 Vai-se embora  
 Sem bagagem  
 Não sabe pra que veio  
 Foi passeio  
 Foi passagem  
 Então eu lhe pergunto pelo amor

Ele me é franco  
 Mostra um verso manco  
 De um caderno em branco  
 Que já se fechou  
 Me diga agora  
 O que é que eu digo ao povo  
 O que é que tem de novo  
 Pra deixar  
 Não Foi tudo escrito em vão  
 E eu lhe peço perdão  
 Mas não vou lastimar  
 Não, não vou lastimar

## Dança da Solidão

*letra: Paulinho da Viola*

Solidão é lava que cobre tudo  
 Amargura em minha boca  
 Sorri seus dentes de chumbo  
 Solidão palavra cavada no coração  
 Resignado e mudo  
 No compasso da desilusão  
Desilusão, desilusão  
Danço eu dança você  
Na dança da solidão  
 Camélia ficou viúva, Joana se apaixonou  
 Maria tentou a morte, por causa do seu amor  
 Meu pai sempre me dizia, meu filho tome cuidado  
 Quando eu penso no futuro, não esqueço o meu passado

Quando vem a madrugada, meu pensamento vagueia  
 Corro os dedos na viola, contemplando a lua cheia  
 Apesar de tudo existe, uma fonte de água pura  
 Quem beber daquela água não terá mais amargura.

## Nos Barracos da Cidade

de: Gilberto Gil/Liminha

Nos barracos da cidade  
 Ninguém mais tem ilusão  
 No poder da autoridade  
 De tomar a decisão

E o poder da autoridade,  
 se pode, não faz questão  
 Se faz questão então  
 Não consegue, não  
 Enfrentar o tubarão

Ôôô , uô  
 Gente estúpida  
 Ôôô , uô  
 Gente hipócrita

E o governador promete,  
Mas o sistema diz que não  
Os lucros são muito grandes,  
E ninguém quer abrir mão

Mesmo uma pequena parte  
Já seria a solução  
Mas a usura dessa gente  
Já virou um aleijão

## **Chico Buarque - Gente Humilde**

(De: Chico Buarque, Vinícius de Moraes & Garoto)

Tem certos dias  
Em que eu penso em minha gente  
E sinto assim  
Todo o meu peito se apertar  
Porque parece  
Que acontece de repente  
Feito um desejo de eu viver  
Sem me notar

Igual a como  
Quando eu passo no subúrbio  
Eu muito bem  
Vindo de trem de algum lugar  
E aí me dá  
Como uma inveja dessa gente  
Que vai em frente  
Sem nem ter com quem contar

São casas simples  
Com cadeiras na calçada  
E na fachada  
Escrito em cima que é um lar  
Pela varanda  
Flores tristes e baldias  
Como a alegria  
Que não tem onde encostar

E aí me dá uma tristeza  
No meu peito  
Feito um despeito  
De eu não ter como lutar  
E eu que não creio  
Peço a Deus por minha gente  
É gente humilde  
Que vontade de chorar

## **Transcrição da entrevista completa com a secretária de Assistência Social.**

**Secretária:** O nível de renda aqui em Poços, em termos de estado de Minas é diferenciado, mais sempre vai haver exclusão social. Exclusão pela doença mental, pelo alcoolismo, pelo uso de drogas, deficiência física, esses tipos de exclusão sempre existem.

***Falando de exclusão por pobreza, miséria: há algum tempo atrás sempre se via pessoas pedindo nas ruas, agora não se tem mais, a assistência social andou fazendo alguma coisa?***

**Secretária:** A pobreza financeira às vezes é associada a outros tipos de problemas tinha muito nas ruas pessoas com problemas de alcoolismo, doença mental mais Aqui em Poços de Caldas a gente não tem população de rua praticamente. Eu não tenho o conhecimento absoluto de que alguém não viva na situação de miséria, evidentemente que deve ter esses casos mais as entidades sociais estão muito atentas, pois não só temos a assistência social, como também as entidades que estão muito próximas da população, nos bairros, os espíritas, as conferências vicentinas, os grupos de apoio as paróquias, eles detectam essas situações e são capazes de encaminhar.

Nós temos uma infra-estrutura de assistência muito boa aqui em Poços tanto por parte das entidades, como por parte da prefeitura para atender os casos mais graves. O pessoal que se via na rua pedindo era por decorrência do alcoolismo, a maioria são homens mais velhos com mais de 20 anos de alcoolismo já, e pedem na rua para manter o vício, esse são excluídos também, tanto pela doença, pois o alcoolismo é uma doença. Como já não existe mais as condições financeiras, já perderam os vínculos familiares, perderam emprego, e assim uma coisa vai puxando a outra.

A gente encaminha essas pessoas para tratamento, nós temos uma serie de convênios para esse tipo de tratamento, nós temos a chácara Santa Clara, temos um espaço próprio que se chama CEAP localizada no município de Caldas, enfim vários lugares que a gente faz os encaminhamentos. Pedimos a participação da família, algumas famílias não são omissas, mas conviver com o alcoolismo é muito difícil, essa questão é muito grave.

Realmente aqui não prevalece a exclusão econômica, porque além de todo o apoio das entidades com cesta básica, uma serie de doações, nós também temos o programa bolsa família do governo federal que atende quase 4 mil famílias, temos o programa renda mínima da prefeitura que atende quase 200 famílias só a secretaria tem convenio de 150 cestas básicas mensais, é uma rede muito forte.

Aqui o que existe são famílias pobres, mais não existe essa miserabilidade como no Nordeste, por exemplo. Nós temos nossas creches que estão com insuficiência de vagas, tem mais de 800 crianças que precisam das creches mais já se tem um critério de acudir as crianças com problemas de saúde, então se abre uma vaga para a criança mais necessitada até que esteja construindo mais creches. Agora essa exclusão por deficiência mental, principalmente por alcoolismo por deficiência física ai existe em todas as cidades.

***Tem um programa específico para recolher essas pessoas que ficam nas ruas por culpa do alcoolismo?***

**Secretária:** A gente tem o chamado Atendimento Cidadão, é uma Perua Komb que funciona em conjunto da Guarda Municipal trabalhando praticamente 14 horas por dia, não se faz mais porque o município tem um limite de recursos humanos e financeiros. Ai eu acho que a cidade

deve entender isso é um programa caro, nós teríamos programas muito mais baratos mais a cidade quer que se tire esse povo da rua, então eles são tirados e encaminhados para os Ceaps, se são de fora são encaminhados para os albergues que a gente possui convênios também. Aqueles que aceitam são encaminhados para tratamento, aqueles que não aceitam nós ajudamos quando eles estão numa situação mais grave, ou estão com frio, ou com fome ou estão desnutridos, quando estão na rua a gente acode, leva para os Ceaps ai eles ficam 5 dias, uma semana, a gente também leva para a policlínica para fazer tratamento médico, encaminha para médicos especialistas, com problemas de estomago ou outros problemas, eles mesmo, quando vêm que estão com problemas pedem para ser internados. Mais muitos não conseguem terminar o tratamento e voltam para as ruas, ai começa tudo de novo, a gente tira da rua, procura a família quando eles melhoram eles aceitam passar um tempo com a família, daí passam 6 meses, 8 meses até um ano bons depois têm uma recaída.

Temos ainda muitas deficiências, por exemplo, na área da dependência química, das drogas, ano que vem estamos com um programa de tratamento para crianças e adolescentes nessa área de drogas, junto com a Secretaria de Saúde, porque hoje o alcoolismo atinge pessoas mais velhas e a dependência química os jovens, isso é uma questão cultural.

***Os números indicam que Poços não têm muitas dificuldades financeiras, seria pelo fato de ser uma cidade turística?***

**Secretária:** Poços de Caldas é um lugar privilegiado, é uma cidade que teve uma colonização estrangeira esse é um dos motivos que não se tem muita exclusão, e também é uma cidade de população mais velha, aonde aposentados de Campinas, de São Paulo se mudam para cá, tem uma ótima localização, não se industrializou mais sempre teve uma renda maior e um turismo de qualidade.

Então é uma cidade muito bem administrada, passou por diversas administrações, o próprio traçado físico da cidade é muito mais moderno se comparado as cidades da região e depois se conjugou a riqueza mineral que permitiu que uma série de indústrias fortes viessem para cá aliadas a indústria do turismo e aliadas à zona rural pequena mais extremamente produtiva.

***E o índice de analfabetismo de poços?***

**Secretária:** O índice de analfabetismo é bem baixo, temos alguns repiques de analfabetismo, porém é população que muda pra cá, porque na população da cidade mesmo é muito baixo.

Poços de Caldas tem uma população envelhecida, quanto mais velhos tem na cidade melhor é a qualidade de vida, porque a população só envelhece onde a qualidade de vida é boa, e poços de um índice muito grande de população acima de 60 anos quase 11% da população esta acima de 60 anos.

Temos um índice baixo de mortalidade infantil, baixo de analfabetismo e alto índice de população idosa. Uma cidade de gente jovem é uma cidade mais pobre.

***A senhora poderia explicar melhor o que é o Ceap?***

**Secretária:** Ceap é uma casa de acolhida, como se fosse um albergue, mais o albergue é para passantes Poços de Caldas é uma cidade onde atrai muitos passantes. Há muitas pessoas que não são daqui que ficam nas ruas pedindo e também as pessoas vem do Paraná, São Paulo, Mato Grosso, para a colheita do café e acabam ficando. É uma população de baixo nível de educação, saúde e desqualificada profissionalmente. Esse é um dos grandes problemas sociais

que temos, então já estamos com um programa mais temos que recomeçar sempre por causa dessas pessoas que estão sempre chegando aqui.

**\*Maria Eliane Catunda de Siqueira** é Graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestre e Doutoranda em Gerontologia pela UNICAMP.

Professora nos cursos de Fisioterapia, de Administração e Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da PUC Poços de Caldas.

Ex-funcionária da Legião Brasileira de Assistência, atuando como Chefe do Centro Regional de Poços de Caldas e Gerente para a Região Sul de Minas.

Experiência como consultora nas áreas de Políticas de Assistência Social e do Idoso, prestando serviços a Estados, Municípios e a Organizações Não Governamentais.

## Matérias publicadas relacionadas ao assunto:

Edição 346 - 03/01/2005 revista *Época*

### Além da violência

Antropóloga descobre um Rio de Janeiro que muitos cariocas não conhecem e diz que as pessoas não sabem como é a vida nos morros

**SOLANGE AZEVEDO**

O recente lançamento do livro *A Memória das Favelas*, do Instituto de Estudos da Religião (Iser), jogou luz sobre uma das maiores mazelas do país. Mais de 6,5 milhões de brasileiros vivem em favelas, segundo o IBGE. Só no Estado do Rio de Janeiro, os morros abrigam cerca de 1,4 milhão de habitantes. Mas, em vez de escancarar a violência cotidiana desses lugares, a publicação do Iser os humaniza. Valoriza as histórias de vida dos moradores e o que eles têm de interessante para contar. A obra reúne depoimentos de pessoas de dentro e de fora das comunidades. Gente que conhece essa realidade por dentro e desmitifica a idéia simplória de pobreza e violência, como explicou a antropóloga Regina Novaes, em entrevista a *ÉPOCA*.

#### REGINA NOVAES

##### ■ Dados pessoais

Nasceu em São Carlos, interior de São Paulo, mas vive no Rio de Janeiro há mais de três décadas. Tem 53 anos, é casada e mãe de três filhos

##### ■ Vida profissional

Antropóloga, pesquisa temas relacionados a favelas há dez anos. É professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenadora-geral do projeto Favela Tem Memória, do Viva Rio/Instituto de Estudos da Religião (Iser)

Selmy Yassuda/*ÉPOCA*



### **ÉPOCA - Por que não se pode falar em favela de forma inocente?**

**Regina Novaes** - No *Posfácio ao Nome da Rosa*, o escritor italiano Umberto Eco lembra que para falar do presente é preciso evitar a falsa inocência. Não se pode falar de favela de forma inocente apagando a História, que inclui desigualdades sociais, políticas assistencialistas e políticos populistas. Como falar do presente sem levar em conta o passado que o produziu? A falsa inocência pode se revelar de forma ingênua ou perversa. A ingênua, folclórica, idealiza a favela e os moradores. Visitar a favela, cantar louvores a ela, prestigiar um grupo cultural é o máximo. E chega a ser chique. No outro extremo, há a falsa inocência perversa, que criminaliza. É o pensamento de que eliminar a favela seria extirpar o mal, acabar com crimes e com o narcotráfico. O problema é circunscrever o mal a um local geográfico. A favela é apenas um ponto de uma

complexa rede do comércio e consumo de drogas. A história das favelas reflete a história da cidade.

**ÉPOCA - Como jovens de classe média se comportam em relação às favelas?**

**Regina** - Para certos segmentos, a relação é de idealização. Há jovens de classe média que freqüentam bailes funk achando que estão numa incursão a outro mundo. E há os que vão comprar drogas lá na favela como se fosse uma aventura cultural. Descrevem os perigos que correram e os medos que passaram como experiências existenciais. Ir à favela para jovens da elite, que são críticos do sistema, é experimentar ultrapassar preconceitos, sair do mundinho protegido da família. Outros acreditam ser tolerantes ou revolucionários por gostarem da estética da favela e do hip-hop. Essa postura é muito melhor que o preconceito e a discriminação da favela. Mas boa parte dessa comunhão social só ocorre porque eles compartilham a aversão à polícia. Também é preciso refletir sobre a espetacularização da violência que está presente nesse olhar bem-intencionado, complacente ou cúmplice.

**ÉPOCA - Os projetos sociais também apelam para a falsa inocência?**

**Regina** - Eles também correm o risco da falsa inocência se deixarem de considerar as ambigüidades, que são resultados históricos da integração subordinada entre favela e asfalto. Os benfeitores das favelas têm de examinar as ambivalências de seus sentimentos e expectativas. Há os que agem como heróis civilizatórios. Acham que oportunidades oferecidas em seis meses aos favelados podem apagar carências de anos. Não consideram os riscos e as diferentes estratégias de sobrevivência presentes no interior da própria favela.

**ÉPOCA - Por que não se pode falar em favela de forma inocente?**

**Regina Novaes** - No *Posfácio ao Nome da Rosa*, o escritor italiano Umberto Eco lembra que para falar do presente é preciso evitar a falsa inocência. Não se pode falar de favela de forma inocente apagando a História, que inclui desigualdades sociais, políticas assistencialistas e políticos populistas. Como falar do presente sem levar em conta o passado que o produziu? A falsa inocência pode se revelar de forma ingênua ou perversa. A ingênua, folclórica, idealiza a favela e os moradores. Visitar a favela, cantar louvores a ela, prestigiar um grupo cultural é o máximo. E chega a ser chique. No outro extremo, há a falsa inocência perversa, que criminaliza. É o pensamento de que eliminar a favela seria extirpar o mal, acabar com crimes e com o narcotráfico. O problema é circunscrever o mal a um local geográfico. A favela é apenas um ponto de uma complexa rede do comércio e consumo de drogas. A história das favelas reflete a história da cidade.

**ÉPOCA - Como jovens de classe média se comportam em relação às favelas?**

**Regina** - Para certos segmentos, a relação é de idealização. Há jovens de classe média que freqüentam bailes funk achando que estão numa incursão a outro mundo. E há os que vão comprar drogas lá na favela como se fosse uma aventura cultural. Descrevem os perigos que correram e os medos que passaram como experiências existenciais. Ir à favela para jovens da elite, que são críticos do sistema, é experimentar ultrapassar preconceitos, sair do mundinho protegido da família. Outros acreditam ser tolerantes ou revolucionários por gostarem da estética da favela e do hip-hop. Essa postura é muito melhor que o preconceito e a discriminação da favela. Mas boa parte dessa comunhão social só ocorre porque eles compartilham a aversão à polícia. Também é preciso refletir sobre a espetacularização da violência que está presente nesse olhar bem-intencionado, complacente ou cúmplice.

**ÉPOCA - Os projetos sociais também apelam para a falsa inocência?**

**Regina** - Eles também correm o risco da falsa inocência se deixarem de considerar as ambigüidades, que são resultados históricos da integração subordinada entre favela e asfalto. Os benfeitores das favelas têm de examinar as ambivalências de seus sentimentos e expectativas. Há

os que agem como heróis civilizatórios. Achrom que oportunidades oferecidas em seis meses aos favelados podem apagar carências de anos. Não consideram os riscos e as diferentes estratégias de sobrevivência presentes no interior da própria favela.

**ÉPOCA - Ouvindo os moradores, a senhora descobriu um Rio de Janeiro que não conhecia?**

**Regina** - Sem dúvida. Aprendi um pouco do código de comportamento incorporado por cada morador. É um código que permite mapear os perigos de cada dia. Ao voltar para casa, é preciso sentir o clima. Há tempos de mais calma e outros em que não se sabe a que horas se pode sair de manhã para trabalhar, nem se vai dar para voltar. É preciso observar tudo. Ao descer do ônibus, é necessário estar atento. Certos lugares são termômetros. O campo de futebol é um indicador. Se está vazio, é porque a coisa não está boa. Se certas luzes estão acesas ou não, também. Se a mãe está no ponto de ônibus esperando o filho, é porque é bom ir direto e rápido para casa. Há frases que funcionam como uma senha. Algumas indicam conflitos entre 'eles' (*os traficantes*), outras entre 'eles' e a polícia. As pessoas vão incorporando estratégias para transitar, para ir e vir e olhar sem ver. Nos lugares onde trabalham moradores de favelas também correm rapidamente as notícias que justificam atrasos e ausências. 'Ontem o bicho pegou por lá', comenta-se. Mas ninguém pede ou se dispõe a dar mais detalhes. Há cumplicidade. A lei do silêncio também chega ao asfalto.

**ÉPOCA - Quem é de fora tem noção de como é a vida nas favelas?**

**Regina** - Não. Primeiro por causa da homogeneização, da idéia de que todos os que estão lá dentro são bandidos em potencial. Morar numa favela é inovar cotidianamente as formas de ir e vir. Códigos são criados e transformados sempre. Mas é importante que os jovens saibam que nem sempre foi assim. Não que o passado tenha sido de glória. Mas os morros não tinham donos.

**ÉPOCA - Na última década, a população das favelas cresceu quase três vezes mais que a média brasileira. Está mais difícil separar a favela do asfalto?**

**Regina** - Sim, está. A cada dia ficam mais evidentes a convivência entre pobreza e riqueza e os problemas sociais e de urbanização. Há moradores de bairros simples ou de conjuntos habitacionais populares que não aceitam ser chamados de favelados porque o nome estigmatiza. A contraposição favela-asfalto é uma descrição que nasceu no Rio de Janeiro por causa da topografia, mas que é usada no Brasil inteiro para definir a segmentação das cidades. Tornou-se um símbolo de denúncia.

**ÉPOCA - Chamar favela de morro ou de comunidade faz diferença para os moradores?**

**Regina** - Essas palavras foram colocadas de fora para dentro. Nenhuma delas é nativa ou foi escolhida pelos moradores. Mas eles as usam como lhes convém. Para lembrar do passado, as lideranças falam em 'favela'. Se vão pedir alguma coisa para o prefeito, querem passar a idéia de solidariedade e, por isso, dizem 'comunidade'. Esses nomes têm conteúdos simbólicos e são fruto de negociações. São rótulos.

**ÉPOCA - Comunidade não seria apenas uma forma politicamente correta de referir-se à favela?**

**Regina** - É eufemismo. É quase uma forma de rico falar de pobre. Essa denominação nasceu em trabalhos religiosos. Mas é importante observar que essa forma politicamente correta não apaga a História. Temos um portal na internet chamado Viva Favela e o título do livro é *A Memória das Favelas*. Fizemos isso porque havia pessoas que queriam retomar a palavra como uma forma de afirmação de identidade. Essas denominações exprimem relações sociais, interesses diversos. Uma menina da Favela da Maré me contou que quando vai à prefeitura diz que é favela e que na igreja fala em comunidade. Ela usa as palavras de acordo com o que o interlocutor tem a lhe oferecer.

**ÉPOCA - Como surgiu a idéia da publicação do livro?**

**Regina** - Esse trabalho teve início na internet, há quase dois anos, com o projeto Favela Tem Memória. O objetivo inicial era resgatar as lembranças dos moradores mais velhos, criar identidade e valorizar o espaço das favelas. Também foi uma maneira indireta de enfrentar o silêncio que a polícia e o tráfico impõem. No ano passado, fizemos um seminário e agora resolvemos reunir os relatos no livro. Essa coleta de dados continua. O centro de memória da Maré tem a melhor exposição fotográfica já feita sobre aquela região. Mas o pessoal da favela não pretende disponibilizar o material na internet. Eles querem dignificar o próprio território. Quem quiser consultar o acervo terá de ir lá.

**ÉPOCA - É possível alguém de fora entrar sozinho na Maré?**

**Regina** - Não, a mediação é necessária. Alguém do projeto tem de acompanhar os visitantes. Nós fazemos isso porque os moradores querem valorizar a idéia de que o espaço deles é público e reverter a lógica de que a Maré é uma área privada de traficantes.

**ÉPOCA - Como o livro e o projeto Favela Tem Memória contribuem para enfrentar o silêncio?**

**Regina** - É uma tarefa difícil e que acontece de forma indireta. Nem tudo pode ser perguntado a toda hora. Não se podem abordar assuntos que coloquem os entrevistados em risco. Os nossos correspondentes são moradores das favelas e têm de respeitar o silêncio em relação a determinados temas. A cada dia, temos de decidir o que podemos falar. Mas só o fato de as pessoas encontrarem uma forma de falar do passado, dos grupos, das lutas, das músicas e gírias já está fortalecendo a identidade e criando condições para romper a lei do silêncio. Estamos construindo esse caminho através do conhecimento, mostrando que existem outros donos da História que não são os traficantes.

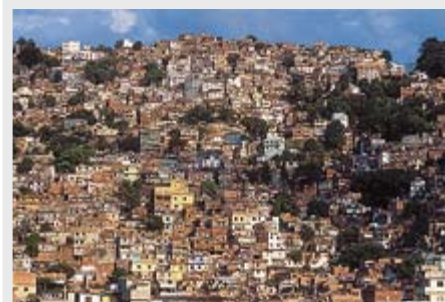
**ÉPOCA - Como o projeto é conduzido?**

**Regina** - Atuamos em cinco favelas: Maré, Rocinha, Alemão, Cantagalo e Cidade de Deus. Em cada uma temos um correspondente, que colhe os relatos e coloca na internet ([www.favelatemmemoria.com.br](http://www.favelatemmemoria.com.br)), e um fotógrafo. Esse é um dos pontos mais importantes, porque eles continuam lá e têm informações relevantes. É diferente quando um repórter consegue entrar, faz uma matéria e vai embora. Não existe a mesma preocupação com o que pode ou não ser publicado, de forma que a vida dos entrevistados não seja colocada em risco. Nosso objetivo é que as pessoas possam ouvir falar de favela de uma maneira que não leve ao preconceito e à discriminação. Os moradores falam de usos, costumes, cultura. Contam a história de uma cidade que tem sido pensada apenas sob o aspecto das carências, da falta de estrutura e segurança. Mas nunca pelo que ela tem.

**ÉPOCA - Fala-se muito do preconceito de fora para dentro das favelas. Mas também há preconceito interno. Como ele se manifesta entre os moradores?**

**Regina** - Achar que quem mora numa favela é bandido em potencial é preconceito, mas pensar que as pessoas que vivem ali se gostam muito, que formam uma comunidade é ilusão. Ninguém gosta de morar nas favelas como elas são hoje. Quem gostaria de morar num lugar em que é estigmatizado, que se define pela carência, pelo que não tem? Porém, diante dessa situação de precariedade, há reações diferentes entre os moradores. Há quem está ali simplesmente porque

Ricardo Siqueira/Ed. Globo



**"Os benfeitores das favelas têm de examinar as ambivalências de seus sentimentos e expectativas. Há os que agem como heróis civilizatórios. Acham que 'oportunidades' podem apagar carências de anos"**

não tem onde morar, esconde o endereço, odeia seus vizinhos e quer se diferenciar deles. Mas há também quem investe na idéia de comunidade, que faz parte de grupos de igrejas, de ONGs, de associações de moradores. Há quem misture esses dois expedientes: ora repudia, ora investe. Nas favelas há vida e contradições como em qualquer lugar da cidade.

***ÉPOCA* - Favelas costumam ser associadas à violência. Como mudar essa imagem em um momento em que a guerra do tráfico e as mortes não cessam?**

**Regina** - Não é simples. A situação no Rio nunca foi tão grave como hoje, quando o poder privado dos traficantes desafia a cada dia tanto os poderes constituídos quanto organizações da sociedade civil. Ainda assim, sou otimista quanto ao futuro. Minha esperança vem das notícias sobre o que está acontecendo nas próprias favelas, por iniciativa de uma nova geração de moradores. A novidade hoje está na maneira como uma parte dos moradores das favelas circula. Há 20 anos, um antropólogo descrevia sua ida à favela como se descrevia a ida a uma tribo indígena. Lá havia um outro, que o antropólogo de classe média deveria descobrir.

***ÉPOCA* - Qual é o diferencial dessa nova geração de moradores?**

**Regina** - Hoje, vários jovens que fazem cursos de Ciências Sociais em universidades públicas moram nas favelas e se propõem a estudar a vida social nos locais onde vivem. Há programas de formação e intercâmbio entre jovens universitários moradores de favelas. Há rappers consagrados, poetas, escritores premiados, doutores e educadores da favela. Existem centros e ONGs que se organizam e se movem a partir de recursos humanos locais. Há 'correspondentes comunitários' que estão fazendo curso de Jornalismo. Os fotógrafos do site Viva Favela expõem junto com outros tantos que moram e fotografam a favela. Conhecimento e argumentos circulam entre estudiosos, lideranças locais e imprensa. Cada vez é mais difícil estabelecer as fronteiras entre 'nós' e 'eles' quando se trata de buscar soluções que resultem em direitos e deveres da cidadania no espaço das favelas. Isso é novo. Há uma geração que vem aí e pode reagir de maneira diferente de seus pais. Quanto mais informação circular, para dentro e para fora, mais difícil será garantir o silêncio e a submissão.

Edição 339 - 15/11/2004 revista *Época*

## Favela globalizada

Os centros urbanos do Terceiro Mundo são os que mais crescem. O desafio será administrar a pobreza e os problemas sociais

IVAN PADILLA



Lagos, a capital da Nigéria, o país mais populoso do continente africano, tinha 1,4 milhão de habitantes em 1992. Oito anos depois, já alcançava 13,4 milhões. Em 2010, a previsão é de que chegue a 20,2 milhões. Isso significa que, em menos de 20 anos, a população urbana terá aumentado 14 vezes. Esse vertiginoso crescimento é um grave fenômeno mundial: as cidades não param de crescer - e as que mais crescem são as do Terceiro Mundo. De acordo com projeções da agência Habitat, órgão da ONU que estuda questões de habitação, das dez maiores metrópoles do mundo em 2010, apenas duas - Tóquio e Nova York - estão situadas em países desenvolvidos.

Em 1980, a lista das dez maiores cidades incluía Los Angeles, nos Estados Unidos, e Osaka, a segunda metrópole japonesa. Pequim e Xangai, na China, e Calcutá, na Índia, os dois países com maior população do mundo, também faziam parte desse ranking. Na estimativa para 2010, as duas megalópoles do Primeiro Mundo são ultrapassadas por concorrentes como Daca, capital de Bangladesh, Karachi, no Paquistão, e Jacarta, na Indonésia. São centros urbanos em zonas de extrema pobreza, com índices de crescimento assustadores.

**1 bilhão de pessoas moram em favelas. Em 2030, serão 2 bilhões**

Em todo o planeta, aproximadamente 1 bilhão de pessoas vivem hoje em barracos sem água potável e saneamento nos subúrbios das grandes cidades - desse total, cerca de 200 milhões tornaram-se favelados há menos de dez anos. Em 2030, serão 2 bilhões de pessoas vivendo em bolsões de pobreza. Durante esse mesmo período, a população das megalópoles dos países em desenvolvimento deverá crescer em 2,12 bilhões de pessoas. Nas nações do Primeiro Mundo, espera-se um incremento de apenas 28 milhões.

Apesar de afetar principalmente os países atrasados, o problema também afeta os ricos. Atualmente, cerca de 2,86 bilhões de pessoas - quase metade da população mundial - vivem em áreas urbanas. Em 2025, essa taxa será de 61%. Em 1975, uma centena de cidades tinha mais de 1 milhão de habitantes. Em 2025, serão 527. Em 1960, apenas duas cidades reuniam, cada uma, mais de 10 milhões de habitantes. Em 2015, o mundo terá 26 megalópoles. "As causas e conseqüências desse incremento variam muito. É preciso diferenciar as cidades globais, no Norte, e as megalópoles, no Sul", alerta Jorge Wilhelm, secretário de Planejamento Urbano de

São Paulo e um dos palestrantes do último Fórum Mundial Urbano, realizado em Barcelona.



No continente africano, além da miséria, os conflitos entre as tribos e as guerrilhas por riquezas naturais, como diamantes, empurram a população das zonas rurais para os centros urbanos, onde, em tese, a segurança é maior. Na Nigéria, cerca de 250 etnias convivem em permanente estado de tensão. Em países como a China, o crescimento urbano segue uma política governamental de êxodo rural. Nas cidades europeias, principalmente em países como Espanha, Alemanha e Itália, onde o aumento populacional costuma ser negativo, os imigrantes cumprem um papel fundamental no equilíbrio demográfico. Em São Paulo, a quarta maior aglomeração humana do mundo, o crescimento agora é vegetativo, e não mais migratório, ao contrário do que ocorria nas décadas de 50 e 60.

As conseqüências também são próprias de cada contexto. Os países africanos assistem ao aumento da pobreza e à deterioração das condições sociais e sanitárias - há regiões onde mais de 30% da população é portadora do vírus da Aids. Em Pequim, na China, um sinal visível do caos urbano é o trânsito congestionado por bicicletas e automóveis. Nos países do Velho Mundo, a imigração de habitantes das ex-colônias africanas e asiáticas, apesar de gerar um processo de fusão cultural a longo prazo, leva de início a conflitos sociais, xenofobia e fortalecimento de partidos de extrema direita, em reação aos recém-chegados. "Boa parte das populações não participa dos processos de decisões que têm impacto sobre elas", alerta Wilhelm, sobre esses cidadãos de segunda classe.

**Em 2015, 26 cidades terão mais de 10 milhões de habitantes**

Ainda assim, Wilhelm tem uma visão otimista sobre o tema. Em livros como *Tênue Esperança no Vasto Caos*, de 2003, o secretário propõe um novo Renascimento, em que artes e políticas públicas ajudem a formar uma civilização urbana de caráter humanista. Já o ministro das Cidades, Olívio Dutra, denunciou, no encontro de Barcelona, a chamada "urbanização da pobreza". De acordo com dados do ministério, cerca de 15 milhões de brasileiros não têm moradia e 83 milhões não contam com água potável em casa. Para que todos tivessem condições dignas de habitação, seria necessário um investimento de US\$ 6,6 bilhões por ano até 2020.

## Dados IBGE

Poços de Caldas - MG

População estimada – 2004 148.712

Área da unidade territorial (km<sup>2</sup>) 544

### Síntese



#### População e Domicílios 2000-2001

Pessoas Residentes - Total	135.627	Pessoas
Pessoas Residentes - Área Urbana	130.826	Pessoas
Pessoas Residentes - 10 anos ou mais de idade - Rendimento Nominal Médio	776,54	Reais
Mulheres Residentes - 10 anos ou mais de idade - Rendimento Nominal Médio	516,55	Reais
Pessoas Residentes - 10 anos ou mais de idade - Sem instrução ou menos de 1 ano de estudo	6.392	Pessoas
Esgoto - Domicílios particulares permanentes com banheiro ligado à rede geral	37.288	Domicílios
Água - Domicílios particulares permanentes com abastecimento ligado à rede geral	37.742	Domicílios
Lixo - Domicílios particulares permanentes com lixo coletado	38.634	Domicílios

#### Óbitos e Serviços de Saúde 2002-2003

Óbitos hospitalares - Homens 255 Óbitos

Óbitos hospitalares - Mulheres	215	Óbitos
Óbitos hospitalares - Doenças infecciosas e parasitárias	32	Óbitos
Óbitos hospitalares - Causas externas	27	Óbitos
Estabelecimentos de saúde - Total	110	Estabelecimentos
Estabelecimentos de saúde - Prestadores de serviços ao SUS	53	Estabelecimentos
Leitos hospitalares	427	Leitos
Leitos hospitalares disponíveis ao SUS	239	Leitos
<b>Ensino 2003</b>		
Matrículas - Ensino Fundamental	21.562	Matrículas
Matrículas - Ensino Médio	6.976	Matrículas
Docentes - Ensino Fundamental	1.119	Docentes
Docentes - Ensino Médio	401	Docentes
<b>Registro Civil 2002</b>		
Nascimentos registrados no ano	2.051	Nascimentos
Casamentos registrados no ano	645	Casamentos
Separações judiciais registradas no ano	146	Separações
<b>Representação Política 2000</b>		
Eleição Municipal - Partido do candidato eleito	PT	
Eleição Municipal - Número de eleitores	86.976	Eleitores

**Instituições Financeiras 2003**

Agências bancárias	10	Agências
--------------------	----	----------

**Finanças Públicas 2002**

Valor do Fundo de Participação dos Municípios	11.684.744,14	Mil Reais
---	---------------	-----------

Valor do Imposto Territorial Rural	64.357,88	Reais
------------------------------------	-----------	-------

**Base Territorial**

Área da unidade territorial	544,42	Km <sup>2</sup>
-----------------------------	--------	-----------------

**Ensino - matrículas, docentes e rede escolar 2003**

Matrícula - Ensino fundamental - 2003	21.562	Matrículas
---------------------------------------	--------	------------

Matrícula - Ensino fundamental - escola pública estadual - 2003	4.372	Matrículas
---	-------	------------

Matrícula - Ensino fundamental - escola pública federal - 2003	0	Matrículas
--	---	------------

Matrícula - Ensino fundamental - escola pública municipal - 2003	13.623	Matrículas
--	--------	------------

Matrícula - Ensino fundamental - escola privada - 2003	3.567	Matrículas
--	-------	------------

Matrícula - Ensino médio - 2003	6.976	Matrículas
---------------------------------	-------	------------

Matrícula - Ensino médio - escola pública estadual - 2003	4.852	Matrículas
---	-------	------------

Matrícula - Ensino médio - escola pública federal - 2003	0	Matrículas
--	---	------------

Matrícula - Ensino médio - escola pública municipal - 2003	816	Matrículas
--	-----	------------

Matrícula - Ensino médio - escola privada - 2003	1.308	Matrículas
--	-------	------------

Matrícula - Ensino pré-escolar - 2003	5.835	Matrículas
---------------------------------------	-------	------------

Matrícula - Ensino pré-escolar - escola pública estadual - 2003	158	Matrículas
Matrícula - Ensino pré-escolar - escola pública federal - 2003	0	Matrículas
Matrícula - Ensino pré-escolar - escola pública municipal - 2003	4.430	Matrículas
Matrícula - Ensino pré-escolar - escola privada - 2003	1.247	Matrículas
Docentes - Ensino fundamental - 2003	1.119	Docentes
Docentes - Ensino fundamental - escola pública estadual - 2003	248	Docentes
Docentes - Ensino fundamental - escola pública federal - 2003	0	Docentes
Docentes - Ensino fundamental - escola pública municipal - 2003	588	Docentes
Docentes - Ensino fundamental - escola privada - 2003	283	Docentes
Docentes - Ensino médio - 2003	401	Docentes
Docentes - Ensino médio - escola pública estadual - 2003	221	Docentes
Docentes - Ensino médio - escola pública federal - 2003	0	Docentes
Docentes - Ensino médio - escola pública municipal - 2003	24	Docentes
Docentes - Ensino médio - escola privada - 2003	156	Docentes
Docentes - Ensino pré-escolar - 2003	361	Docentes
Docentes - Ensino pré-escolar - escola pública estadual - 2003	9	Docentes
Docentes - Ensino pré-escolar - escola pública federal - 2003	0	Docentes
Docentes - Ensino pré-escolar - escola pública municipal - 2003	261	Docentes

Docentes - Ensino pré-escolar - escola privada - 2003	91	Docentes
Escolas - Ensino fundamental - 2003	46	Escolas
Escolas - Ensino fundamental - escola pública estadual - 2003	9	Escolas
Escolas - Ensino fundamental - escola pública federal - 2003	0	Escolas
Escolas - Ensino fundamental - escola pública municipal - 2003	23	Escolas
Escolas - Ensino fundamental - escola privada - 2003	14	Escolas
Escolas - Ensino médio - 2003	17	Escolas
Escolas - Ensino médio - escola pública estadual - 2003	8	Escolas
Escolas - Ensino médio - escola pública federal - 2003	0	Escolas
Escolas - Ensino médio - escola pública municipal - 2003	1	Escolas
Escolas - Ensino médio - escola privada - 2003	8	Escolas
Escolas - Ensino pré-escolar - 2003	71	Escolas
Escolas - Ensino pré-escolar - escola pública estadual - 2003	4	Escolas
Escolas - Ensino pré-escolar - escola pública federal - 2003	0	Escolas
Escolas - Ensino pré-escolar - escola pública municipal - 2003	49	Escolas
Escolas - Ensino pré-escolar - escola privada - 2003	18	Escolas

Censo Educacional 2003.

**Produto Interno Bruto 2002**

Valor adicionado da agropecuária	24.714	Mil Reais
Valor adicionado da indústria	969.538	Mil Reais
Valor adicionado dos serviços	750.829	Mil Reais
Valor adicionado total	1.745.080	Mil Reais
Dummy Financeiro	55.896	Mil Reais
Impostos	166.464	Mil Reais
PIB a preço de mercado corrente	1.855.648	Mil Reais
População	142.945	Habitantes
PIB per capita	12.982	Reais

Fonte: IBGE, Produto Interno Bruto dos Municípios 1999-2002

**Educação**

Pessoas residentes - 10 anos ou mais de idade - sem instrução e menos de 1 ano de estudo - municípios vigentes em 2001	6.392	habitantes
Pessoas residentes - 10 anos ou mais de idade - 1 a 3 anos de estudo - municípios vigentes em 2001	15.226	habitantes
Pessoas residentes - 10 anos ou mais de idade - 4 a 7 anos de estudo - municípios vigentes em 2001	43.622	habitantes
Pessoas residentes - 10 anos ou mais de idade - 8 a 10 anos de estudo - municípios vigentes em 2001	21.344	habitantes

Pessoas residentes - 10 anos ou mais de idade - 11 a 14 anos anos de estudo - municípios vigentes em 2001	19.247	habitantes
---	--------	------------

Pessoas residentes - 10 anos ou mais de idade - 15 anos ou mais de estudo - municípios vigentes em 2001	7.336	habitantes
---	-------	------------